



DANIEL SILVA DE CARVALHO LUZ

**EFEITO MANADA EM CONFLITOS ARMADOS: PSICOLOGIA DO
COMPORTAMENTO DE MASSA NO CONTEXTO DA GUERRA**

DANIEL SILVA DE CARVALHO LUZ

**EFEITO MANADA EM CONFLITOS ARMADOS: PSICOLOGIA DO
COMPORTAMENTO DE MASSA NO CONTEXTO DA GUERRA**

Projeto de TCC II que deverá ser
apresentado à Banca Avaliadora
do Departamento de Psicologia,
da Faculdade de Cuiabá – FASIPE
CPA, como requisito parcial para
a obtenção do Bacharel de
Psicóloga.

Orientador(a): Profa. Ana Sophia
Haagsma Simm

**Cuiabá - MT
2024**

DANIEL SILVA DE CARVALHO LUZ

**EFEITO MANADA EM CONFLITOS ARMADOS: PSICOLOGIA DO
COMPORTAMENTO DE MASSA NO CONTEXTO DA GUERRA**

Projeto de TCC I que será apresentada à Banca Avaliadora do Curso de Psicologia –FASIPE, Cuiabá, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Aprovado em_____.

Professor(a) Orientador(a): Leonço Alvaro Costa Filho
Departamento de Psicologia –FASIPE

Professor(a) Avaliador(a): Arthur Galvão Martini
Departamento de Psicologia – FASIPE

Professor(a) Avaliador(a): José Guedes Vieira
Departamento de Psicologia – FASIPE

**Cuiabá - MT
2024**

DEDICÁTORIA

Aos meus professores e orientadores, pelo conhecimento transmitido, pela paciência e por guiarem meus passos durante esta caminhada acadêmica. Suas palavras e ensinamentos foram fundamentais para a realização deste trabalho. A todos que, direta ou indiretamente, fizeram parte desta trajetória, meu mais sincero agradecimento.

CARVALHO, Daniel. **Efeito Manada em Conflitos Armados: Psicologia do Comportamento de Massa no Contexto da Guerra.** 2023. 32 folhas. Projeto de Monografia – FASIPE CPA – Faculdade de Cuiabá.

RESUMO

Nessa pesquisa se propõe a explorar o fenômeno do efeito manada em meio a conflitos armados, mergulhando na psicologia por trás do comportamento coletivo em situações de guerra. Embasando-se a em uma revisão ampla de literatura, abarcando desde clássicos como "Psicologia de Grupo e a Análise do Ego" de Sigmund Freud e "Experiences in Groups" de Wilfred Bion, até estudos de casos fascinantes como o experimento "The Third Wave" e o filme "A Onda" (Die Welle). Com objetivo de entender como a liderança carismática e a identidade grupal influenciam indivíduos a adotar ações coletivas extremas durante conflitos. Além disso, estabelecer paralelos entre o comportamento de manada em contextos de guerra e no mercado financeiro, sugerindo estratégias para atenuar seus efeitos. Com essa pesquisa, espera-se contribuir para uma compreensão mais profunda dos mecanismos psicológicos que alimentam os conflitos armados, visando, em última instância, informar estratégias para prevenir e gerenciar crises.

Palavras-chaves: Efeito manada, Guerra, comportamento de massa, Grupos, Psicologia.

CARVALHO, Daniel. **HERD EFFECT IN ARMED CONFLICTS: PSYCHOLOGY OF MASS BEHAVIOR IN THE CONTEXT OF WAR.** 2024. 32 pages. Monograph Project - Educational Center Fasipe - UNIFASIPE.

ABSTRACT

This research proposes to explore the phenomenon of the herd effect in the midst of armed conflicts, delving into the psychology behind collective behavior in war situations. Based on a broad literature review, ranging from classics such as "Group Psychology and the Analysis of the Ego" by Sigmund Freud and "Experiences in Groups" by Wilfred Bion, to fascinating case studies such as the experiment "The Third Wave " and the film "The Wave" (Die Welle). Aiming to understand how charismatic leadership and group identity influence individuals to adopt extreme collective actions during conflicts. Furthermore, establish parallels between herd behavior in war contexts and in the financial market, suggesting strategies to mitigate its effects. With this research, we hope to contribute to a deeper understanding of the psychological mechanisms that fuel armed conflicts, ultimately aiming to inform strategies to prevent and manage crises.

Keywords: Herd effect, War, Mass behavior, Groups, Psychology.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
1.1 Justificativa.....	10
1.2 Problematização	10
1.3 Objetivos.....	11
1.3.1 Geral.....	11
1.3.2 Específicos.....	11
2. MECANISMOS PSICOLÓGICOS DO COMPORTAMENTO DE MASSA EM CONTEXTOS DE GUERRA	12
2.1 Identificação com Líderes e Grupos – Efeito de manada.....	12
2.2 Desindividualização e anonimato: efeitos sobre o comportamento coletivo	14
3. ANSIEDADE COLETIVA E SUA RELAÇÃO COM O COMPORTAMENTO DE MASSA DURANTE CONFLITOS ARMADOS	20
3.1 Sentimentos comuns nas massas	20
4. ANÁLISE DOS COMPORTAMENTOS DE GRUPO EM GUERRAS.....	25
4.1 Liderança, Maipulação e Efeito Manada em Conflitos Armados.....	26
4.2 Exemplos Históricos e Contemporâneos de Efeito Manada em Conflitos Armados .	26
4.3 Implicações para a Resolução de Conflitos e Estratégias de Intervenção	28
4.4 Estudos de Caso e Exemplos Históricos	29
4.5 Efeito Manada no Mercado Financeiro	31
5. METODOLOGIA.....	33
5.1 Tipo de Pesquisa.....	33
6. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE DADOS.....	35
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
REFERÊNCIAS	44

1. INTRODUÇÃO

No meio do caos da batalha, com gritos ecoando e corações batendo descontroladamente, as pessoas frequentemente encontravam um fenômeno que era ao mesmo tempo emocionante e aterrorizante: o fenômeno do manada. Rodeado de rostos tensos, todos olhando para o líder como marionetes num teatro escuro, ele foi forçado a questionar a complexidade do comportamento humano em situações extremas como conflitos armados.

O efeito manada foi além da mera reação de observação da multidão; foi um mergulho profundo na psique humana, um estudo das forças invisíveis que fizeram o indivíduo abrir mão de sua individualidade em favor do coletivo. No meio do caos da guerra, com vidas em risco e emoções em alta, estas forças tornaram-se ainda mais evidentes. O combate, com a sua intensidade e imprevisibilidade, reforçou a tendência humana de procurar segurança na comunidade, o que aumentou o comportamento de manada.

Este trabalho desvendou os mistérios da influência do efeito manada em conflitos armados, mergulhou nas profundezas da psicologia humana e explorou como os líderes carismáticos e manipuladores moldaram o comportamento da multidão. A influência de tais líderes no direcionamento das emoções e na direção da ação de grandes grupos revelou muito sobre a dinâmica do poder e da submissão. A pesquisa não se limitou a análises teóricas; continha também histórias fascinantes e comoventes sobre experiências reais, como a experiência “Terceira Onda” e o filme “A Onda” (Die Welle), que levaram à reflexão sobre os limites da influência e da identidade do grupo.

O experimento da "The Third Wave" de Ron Jones, em 1967, mostrou quão rapidamente uma comunidade pode ser influenciada por um comportamento autoritário e conformista sob a liderança de uma figura carismática. "The Wave" também ilustra quão facilmente as pessoas podem ser manipuladas para participarem em movimentos coletivos extremos. Esses casos são estudos de caso valiosos para a compreensão dos mecanismos do

efeito manada.

Além disso, ao traçar paralelos entre o comportamento de manada em tempo de guerra e os mercados financeiros, onde decisões rápidas e emocionais levaram a grandes oscilações económicas, esperava-se iluminar possíveis estratégias para mitigar os efeitos do comportamento de manada. Nos mercados financeiros, a psicologia de massas causou crises financeiras através de fenómenos como bolhas especulativas e vendas de pânico, mostrando que o efeito de manada não estava apenas no contexto da guerra, mas era uma parte universal da natureza humana.

Para explorar estas semelhanças, analisámos eventos históricos e contemporâneos e como a dinâmica de grupo afetou as decisões individuais em ambos os cenários. Teorias psicológicas e sociológicas também têm sido defendidas para explicar por que as pessoas tendem a seguir o comportamento da maioria, mesmo contra o seu melhor julgamento.

Nesta pesquisa, levou a uma exploração das profundezas da mente humana, desafiando percepções e preconceitos e proporcionando uma compreensão mais ampla e profunda do impacto do efeito manada na vida moderna. Ao final da pesquisa, além da compreensão do fenómeno, foram encontradas formas de promover a resistência individual e coletiva diante das tensões relacionadas à adaptação grupal, tanto nas situações de conflito quanto no cotidiano.

1.1 Justificativa

A análise do efeito manada em contextos de conflitos armados transcende a mera observação acadêmica; é crucial para desvendar os intrincados mecanismos que direcionam e manipulam grupos inteiros, resultando em consequências que vão além do campo de batalha. A compreensão desses mecanismos pode fornecer percepções valiosas não apenas para a prevenção e resolução de conflitos, mas também para o desenvolvimento de estratégias eficazes de comunicação e liderança em contextos de crise.

Ao mergulhar nas profundezas da psique humana, explorando os impulsos que levam indivíduos a abandonar sua individualidade em prol da coletividade, esta pesquisa almeja não apenas desvendar os mistérios por trás do comportamento de massa em conflitos armados, mas também oferecer uma nova perspectiva sobre como lidar com crises e situações de tensão. É uma jornada que nos leva a refletir sobre a natureza humana, os limites da influência e o poder da liderança em tempos de adversidade.

Ao lançar luz sobre essas questões, espera-se não apenas ampliar o nosso entendimento dos conflitos armados, mas também contribuir para a construção de um mundo mais pacífico e resiliente, onde a comunicação e a liderança eficazes possam prevalecer sobre as forças da violência e da destruição. É com esse propósito em mente que esta pesquisa se propõe a investigar o efeito manada em conflitos armados, na esperança de que as percepções obtidas possam informar estratégias mais humanizadas e compassivas para lidar com os desafios do nosso tempo.

1.2 Problematização

Como a psicologia do comportamento de massa influencia os conflitos armados? Quais são os mecanismos pelos quais líderes e influências sociais podem manipular grupos para ações coletivas violentas? De que maneira o efeito manada pode ser mitigado ou controlado para prevenir a escalada de conflitos?

1.3 Objetivos

1.3.1 Geral

Analisar o efeito manada e os mecanismos psicológicos do comportamento de massa em contextos de conflito armado.

1.3.2 Específicos

- Identificar os fatores que contribuem para o comportamento de massa em conflitos armados.
- Examinar como a liderança e a manipulação influenciam o comportamento dos grupos em situações de guerra.
- Explorar exemplos históricos e contemporâneos de efeito manada em conflitos armados.
- Avaliar as implicações dessas dinâmicas para a resolução de conflitos e estratégias de intervenção.

2. MECANISMOS PSICOLÓGICOS DO COMPORTAMENTO DE MASSA EM CONTEXTOS DE GUERRA

Os mecanismos psicológicos do comportamento de massa em contextos de guerra revelam uma intrincada interação entre os aspectos individuais e coletivos da psique humana diante de situações extremas. Durante conflitos armados, indivíduos muitas vezes são impulsionados por uma variedade de fatores psicológicos que levam a se unir em ações coletivas. Esses fatores incluem a busca por pertencimento e identidade grupal, a influência de líderes carismáticos e a desindividualização que ocorre em meio a multidões anonimizadas (MARTINELLI, 2023).

Conforme Martinelli (2023), a intensa pressão emocional resultante do medo, da incerteza e da ameaça percebida pode levar a uma desregulação emocional coletiva, facilitando a adesão a comportamentos que, em circunstâncias normais, seriam considerados inaceitáveis.

Assim sendo, compreender esses mecanismos psicológicos é essencial para explicar o comportamento de massa em contextos de guerra, para informar estratégias de intervenção psicossocial e prevenção de conflitos, visando promover uma resposta mais humana diante dos desafios da violência coletiva.

2.1 Identificação com Líderes e Grupos – Efeito de manada

No final do século XIX e início do século XX, houve um esforço para compreender melhor as características específicas das massas modernas, o que culminou no desenvolvimento da psicologia de massa. Gustave Le Bon, um psicólogo social francês, com sua obra seminal "Psicologia das multidões", publicada em 1895. O livro abordou preocupações profundas da época, atraindo não apenas acadêmicos, mas também um público mais amplo. Le Bon afirmou que o destino das nações não era mais

determinado pelos conselhos dos príncipes, mas sim pela alma das massas, destacando a natureza irracional desses grupos, onde o inconsciente prevalece sobre a mente consciente, e sugestão e contágio direcionam sentimentos e ideias em uma única direção, muitas vezes resultando em ações imediatas (CASTRO, 2016).

Conforme Castro (2016), enquanto Le Bon via a era moderna como a era das multidões, seu compatriota e amigo, o sociólogo Gabriel de Tarde, considerava as multidões como representantes do passado, contrastando com a ascensão do público como o grupo social do futuro. Tarde atribuía essa mudança à disseminação da imprensa, argumentando que, enquanto as multidões eram caracterizadas pela proximidade física e transitoriedade, o público tinha uma natureza virtual e mais estável. Essa mudança de foco da multidão para o público marcou uma mudança significativa de perspectiva, facilitando o controle dos perigos das mentes de massa, especialmente através da influência estratégica exercida por figuras como os jornalistas.

No campo da psicologia de massas, o modelo proposto por Freud em "Psicologia de massas e análise do eu", publicado em 1921, é considerado um dos mais elaborados e consistentes. Freud articulou suas próprias ideias psicanalíticas com as observações feitas por Le Bon, divergindo ao afirmar que as multidões não são intrinsecamente irracionais, mas sim influenciadas por processos inconscientes, argumentou que a força que une os membros de um grupo é a libido, desviada de seus propósitos sexuais e investida no líder do grupo por meio do mecanismo de identificação (SOUZA; MERCES, 2021).

Conforme Souza e Mercês (2021), na teoria freudiana, a identificação entre os membros de um grupo ocorre em torno do amor compartilhado pelo líder, que representa uma versão idealizada do eu para cada seguidor. Essa identificação cria um vínculo libidinal entre os membros, onde o líder se torna o objeto de amor idealizado, substituindo o ideal do eu de cada indivíduo.

Dado que o ideal do eu, representado pelo superego na teoria freudiana, funciona como uma instância de controle interno, substituí-lo por um objeto externo tem o efeito de enfraquecer ou terceirizar esse controle. Nas multidões efêmeras que se formam nas ruas, a coesão surge principalmente da relação com o líder, que efetivamente toma o lugar do ideal do eu de cada indivíduo. O que explica por que pessoas perfeitamente racionais podem agir de maneira irracional quando se juntam em multidões, pois "o indivíduo é colocado em condições que lhe permitem liberar

representações de seus impulsos pulsionais inconscientes". Podem então regressar a um estado semelhante ao de povos primitivos, crianças ou sonhos (CASTRO, 2016).

Sendo assim, há uma possibilidade oposta a isso, onde uma forma de liderança sublimada, abstrata, surge quando uma ideia ou desejo compartilhado assume o lugar do líder. Aqui, o ideal do eu coletivo tende a coincidir com o eu de cada membro. Essa abstração pode ser representada mais ou menos completamente por uma figura que podemos chamar de líder secundário, e variações interessantes surgem da relação entre a ideia e o líder (DANZIATO et al, 2020).

Segundo as formulações de Lacan, o sujeito está sempre sujeito à falta estrutural, e a construção da identidade envolve processos de identificação que buscam preencher essa falta. Se cada membro da massa substitui seu ideal do eu pelo líder ou por uma ideia compartilhada, isso indica que o indivíduo se constitui em conjunto com a massa (DANZIATO et al, 2020).

Conforme Danziato et al (2020), as massas modernas se manifestam de diversas formas: desde as multidões efêmeras nas ruas até as massas mobilizadas por movimentos políticos, as massas "artificiais" como o exército e a igreja, e as massas reguladas por instituições disciplinares, até as massas virtuais das comunidades imaginadas. As massas urbanas efêmeras, foco de atenção de Le Bon, contrastam com as massas das comunidades imaginadas, que possuem uma forma abstrata de liderança e remetem ao conceito de público de Tarde.

As massas mobilizadas por partidos políticos e sindicatos ocupam uma posição intermediária entre as multidões urbanas efêmeras e os grupos artificiais, combinando certa espontaneidade com alguma forma de organização. As massas reguladas por instituições disciplinares estão situadas entre os grupos artificiais e as massas da era digital, representando uma intersecção entre a ordem e o caos (CASTELS, 2014).

Com a transição das massas para as redes nas últimas décadas, a psicologia de massa freudiana já não se aplica da mesma forma que antes. O que caracteriza esse período recente é principalmente a forma como a identificação opera nas redes. Enquanto anteriormente um líder (ou uma ideia que o representasse) servia como o ponto central ao redor do qual as pessoas construía identidades, hoje em dia as identidades são mais fragmentadas e fluidas nas redes. Além de um líder central, as redes agora possuem uma pluralidade de lideranças (CASTELS, 2014).

Conforme Castro (2016), pode haver líderes, sublíderes e lideranças ainda mais granulares, em torno dos quais as identificações variam em intensidade. Geralmente, as identificações são mais fortes em relação às sublideranças, que são mais próximas, enquanto em torno de uma liderança central, mais distante, as identificações tendem a ser mais fracas. O que significa que uma confederação de grupos inicialmente mais homogêneos pode formar uma rede em princípio mais heterogênea (é importante notar que os próprios grupos dentro de uma rede frequentemente operam como redes).

Quanto à libido, não sendo mais canalizada através de uma única identificação em torno de um único líder, ela ganha uma certa autonomia, o que marca uma mudança na "economia libidinal" ao longo das últimas décadas. Em termos do sujeito, o supereu repressivo que tinha na época de Freud. Assim, explica por que, em relação às massas, a posição do líder é menos consistente e a libido é menos contida. Lacan também observa essas mudanças, falando sobre a pluralização dos "Nomes-do-Pai" e o "imperativo do gozo", respectivamente. E como "a psicologia individual é, desde o início, também uma psicologia social, nesse sentido estendido, mas justificável", variações nas instâncias individuais e sociais ocorrem simultaneamente (CASTRO, 2016).

Portanto, a identificação com líderes e grupos auxiliam no comportamento de massa durante conflitos armados, proporcionando um senso de pertencimento e orientação em meio à incerteza e ao caos. Em tempos de guerra, indivíduos muitas vezes procuram líderes carismáticos que personifiquem valores e ideais compartilhados, tornando-se suscetíveis à influência desses líderes em suas decisões e ações. Essa identificação com líderes carismáticos pode levar a uma devoção cega e uma disposição para seguir ordens sem questionamento, mesmo quando essas ordens violam princípios éticos ou morais (BASTOS, 2023).

Segundo Bastos (2023), a identificação com grupos étnicos, religiosos, políticos ou ideológicos desempenha um papel crucial na formação de comportamentos de massa durante conflitos armados. Os indivíduos muitas vezes buscam proteção e solidariedade em meio à adversidade, encontrando apoio emocional e social dentro de grupos que compartilham sua identidade ou causa. Essa identificação com o grupo pode levar à adoção de normas coletivas e à conformidade com as expectativas do grupo, mesmo que essas expectativas envolvam comportamentos violentos ou extremistas.

De acordo com Cavalcanti (2017), a identificação com líderes e grupos também pode ser manipulada por interesses políticos ou militares para promover

agendas específicas durante conflitos armados. Líderes autoritários muitas vezes exploram o desejo humano por liderança e segurança, apresentando-se como salvadores ou protetores em tempos de crise. Esses podem usar técnicas de manipulação emocional e propaganda para fortalecer a lealdade dos seguidores e promover uma narrativa de inimigo comum, justificando assim ações extremas em nome da defesa do grupo ou da nação.

A identificação com líderes e grupos pode criar um ambiente propício para a disseminação de ideologias extremistas e radicalização violenta durante conflitos armados. A coesão grupal e o reforço da identidade podem levar os indivíduos a adotar crenças e valores mais extremos, aumentando a disposição para se envolver em ações violentas em nome da causa. A dinâmica de grupo também pode criar uma espiral de radicalização, onde indivíduos se sentem incentivados a exibir comportamentos mais extremos para demonstrar lealdade e obter aceitação dentro do grupo (CAVALCANTI, 2017).

Segundo Martinelli (2023), a identificação com líderes e grupos também pode desempenhar um papel positivo na promoção da coesão social e da solidariedade durante conflitos armados. Líderes e grupos que defendem valores de justiça, igualdade e respeito pelos direitos humanos podem mobilizar apoio para ações pacíficas e promover uma cultura de paz e reconciliação em meio à violência e ao conflito. Ao construir pontes entre diferentes grupos e promover o diálogo e a compreensão mútua, esses líderes e grupos contribuem na construção de um futuro mais justo e pacífico para as gerações futuras.

2.2 Desindividualização e anonimato: efeitos sobre o comportamento coletivo

O ser humano é um ser social, buscando conexão e comunicação com os membros de uma sociedade que o molda e influencia. Essa dinâmica leva o ser humano a estar constantemente inseridos em grupos, que servem como os elos que nos conectam à sociedade em geral. A psicologia grupal concentra-se no estudo dos microgrupos humanos, que são aqueles nos quais os indivíduos podem reconhecer suas singularidades e interagir na busca de objetivos compartilhados. Enquanto a teoria psicanalítica foca no sujeito individual como objeto de intervenção (CARVALHO, 2017).

Conforme Carvalho (2017), ao investigar as modalidades de intervenção psicológica em grupos, pode-se observar os benefícios e fenômenos que surgem das interações grupais. A capacidade da inteligência humana de transitar do plano motor para o especulativo é algo intrinsecamente ligado à nossa natureza social, embora o processo específico dessa transferência possa não ser completamente explicado no desenvolvimento individual. Essa capacidade reflete habilidades inerentes à espécie humana, especialmente aquelas que nos tornam seres fundamentalmente sociais, como observado por Wallon.

A identidade do sujeito é formada através das relações estabelecidas com os outros, e muitas vezes essas influências permanecem inconscientes ou pré-conscientes, moldando os comportamentos do indivíduo sem que ele perceba sua origem em padrões sociais e arcaicos (CARVALHO, 2017).

A estrutura dos grupos é moldada pela dinâmica dos 3 D: o depositado, o depositário e o depositante. O depositado refere-se a algo que o grupo, ou um indivíduo, não pode integrar em si mesmo e, portanto, projeta em alguém que possui características adequadas para aceitar e lidar com esses conteúdos. Aqueles que recebem esses depósitos são os depositários, enquanto aqueles que projetam esses conteúdos são os depositantes (SILVEIRA; RIBEIRO, 2015).

Segundo Silveira e Ribeiro (2015), uma importante contribuição ao enfatizar o papel do vínculo para compreender um grupo, esse seria apenas uma reunião de pessoas em um determinado espaço e tempo, destacando assim a importância desse conceito-chave na definição de grupo. O grupo é visto como agente de mudança e transformação da realidade. À medida que os indivíduos se desenvolvem, o grupo também se fortalece, e vice-versa, em um processo mútuo de interação e vínculo.

Os grupos operativos são fundamentados na ideologia de "aprender a aprender", priorizando a formação de mentalidades em detrimento do simples acúmulo de conhecimento. Há uma variedade de aplicações dos grupos operativos, que muitas vezes operam sob diferentes nomes, mas compartilham princípios semelhantes. Apesar da importância e eficácia dos grupos na prática, têm surgido desafios conceituais e dificuldades de treinamento de facilitadores, devido à necessidade de um aprofundamento teórico nessa área e às complexidades envolvidas na facilitação eficaz dos grupos, como a desindividualização e o anonimato (CARVALHO, 2017).

A desindividualização é um conceito importante na psicologia, frequentemente entendido como a perda da autoconsciência em grupos, embora essa definição seja sujeita a debate. Enquanto psicólogos tendem a analisar a desindividualização no nível do indivíduo em um contexto social específico, enfatizando os processos psicológicos internos, sociólogos abordam o fenômeno de forma um pouco diferente. Para a sociologia, o foco está nos amplos fatores sociais, econômicos, políticos e históricos que influenciam os eventos em uma sociedade específica. Assim, enquanto a psicologia social investiga como a desindividualização ocorre dentro do indivíduo em interação com o grupo, a sociologia analisa como esses processos são influenciados por fatores externos mais amplos (CARVALHO, 2021).

A desindividualização e o anonimato exercem influências profundas sobre o comportamento coletivo durante conflitos armados, alterando a percepção de responsabilidade individual e promovendo a adesão a normas sociais compartilhadas dentro de grupos. Em situações de guerra, a desindividualização ocorre quando os indivíduos se percebem como parte de uma massa indiferenciada, perdendo sua identidade pessoal e moralidade individual. Essa perda de identidade pessoal pode levar à diminuição do autocontrole e da responsabilidade, tornando os indivíduos mais propensos a se engajar em comportamentos impulsivos ou violentos que não se envolveriam em circunstâncias normais (AMADO, 2021).

Segundo Amado (2021), o anonimato proporcionado por multidões e ambientes de guerra pode amplificar ainda mais os efeitos da desindividualização, criando um senso de impunidade e liberdade de consequências para as ações individuais. Quando os indivíduos se sentem protegidos pelo anonimato da multidão, podem se sentir mais inclinados a se envolver em comportamentos extremos ou desviantes, pois não enfrentam a mesma responsabilidade social ou moral que enfrentariam agindo sozinhos. Esse anonimato pode reduzir a inibição social e aumentar a propensão para a violência ou o comportamento destrutivo, já que as consequências individuais das ações são diluídas na massa.

Ainda conforme Amado (2021), a desindividualização e o anonimato nem sempre levam necessariamente a comportamentos negativos durante conflitos armados. Em alguns casos, podem proporcionar um senso de segurança e solidariedade dentro de grupos, encorajando a cooperação e o apoio mútuo em meio à adversidade. A desindividualização pode criar um sentimento de união e pertencimento dentro de uma

comunidade, promovendo a coesão social e facilitando ações coletivas em busca de objetivos compartilhados, como a defesa contra um inimigo comum ou a prestação de socorro em situações de emergência.

Sendo assim, é importante reconhecer os perigos potenciais da desindividualização e do anonimato em contextos de guerra, especialmente quando são explorados por líderes autoritários ou grupos extremistas para promover agendas violentas. A falta de responsabilidade individual pode levar a atrocidades em larga escala e abusos de direitos humanos, pois os perpetradores se sentem protegidos pela massa e menos inclinados a considerar as consequências de suas ações. Portanto, compreender os efeitos da desindividualização e do anonimato é crucial para mitigar os riscos associados ao comportamento de massa em contextos de guerra e promover uma resposta mais ética e humanitária aos desafios da violência coletiva.

3. ANSIEDADE COLETIVA E SUA RELAÇÃO COM O COMPORTAMENTO DE MASSA DURANTE CONFLITOS ARMADOS

A ansiedade coletiva surge como um fenômeno psicológico proeminente durante conflitos armados, influenciando o comportamento de massa em contextos de guerra. Em meio à incerteza, ameaça e instabilidade característicos dos conflitos armados, as comunidades muitas vezes experimentam uma ansiedade generalizada e intensa, alimentada pelo medo do desconhecido e pela percepção constante de perigo iminente (NEVES, 2022).

Essa ansiedade coletiva pode desencadear uma série de reações emocionais e comportamentais dentro da sociedade, incluindo a busca por segurança e proteção por meio da identificação com líderes e grupos que prometem soluções rápidas e eficazes para os desafios enfrentados. A ansiedade coletiva pode amplificar a propensão para o comportamento de massa, promovendo uma sensação de coesão e solidariedade dentro da comunidade e incentivando a adesão a ações coletivas em busca de alívio do estresse e da ansiedade (NEVES, 2022).

A ansiedade coletiva também pode alimentar a polarização, o conflito intergrupal e a tomada de decisões impulsivas, aumentando o risco de violência e conflito durante períodos de guerra. Portanto, compreender a relação entre ansiedade coletiva e comportamento de massa é essencial para desenvolver estratégias eficazes de gestão de crises e promoção da paz em momentos de conflitos armados.

3.1 Sentimentos comuns nas massas

Le Bon explora alguns sentimentos e instintos comuns nas atitudes dos indivíduos quando integrados a uma massa, dentre essas características estão a impulsividade, a credulidade, o simplismo de sentimentos, a intolerância, a moralidade,

o medo e a incerteza. A impulsividade, mobilidade e irritabilidade são destacadas como características distintivas das massas. A massa é influenciada por todas as excitações externas e refletindo suas constantes variações. Enquanto um indivíduo isolado pode ser exposto aos mesmos estímulos que um indivíduo em massa, a capacidade de resistir a esses estímulos é maior no primeiro, devido à sua consciência dos inconvenientes de ceder a eles. Assim, o indivíduo isolado tem uma aptidão maior para controlar seus impulsos, ao passo que a massa tende a ser mais suscetível a eles (PEREIRA, 2020).

Como resultado da predominância do inconsciente nas ações dos indivíduos dentro das multidões, as massas se tornam elementos impulsivos e irritáveis, sensíveis às excitações externas que recebem. Essas excitações podem gerar respostas generosas ou violentas e desumanas, dependendo da natureza dos estímulos. A capacidade das massas de mudar de uma atitude para outra, em resposta aos estímulos que recebem, demonstra sua alta mobilidade emocional e psicológica (PEREIRA, 2020).

Conforme Pereira (2020), Le Bon pontuou sobre a simplificação e exagero dos sentimentos nas massas fazem com que elas não experimentem dúvida ou incerteza. Qualquer suspeita declarada é rapidamente transformada em uma evidência inquestionável. Uma leve antipatia ou desaprovação, que em um indivíduo isolado não seria acentuada, pode se transformar em ódio feroz em uma massa.

Dentro de uma massa, os sentimentos compartilhados pelos seus membros assumem uma forma intensa, porém simplista. As opiniões ou atitudes individuais são categoricamente classificadas como positivas ou negativas pela massa, sem espaço para nuances ou interpretações diversas. Como resultado, as respostas da massa a esses estímulos podem facilmente se tornar excessivas e desproporcionais (PEREIRA, 2020).

A intolerância, autoritarismo e conservadorismo das massas são características fundamentais destacadas por Le Bon. A massa, ao não ter dúvidas sobre o que é verdadeiro ou falso e ao estar consciente de sua própria força, tende a ser autoritária e

intolerante. Enquanto um indivíduo pode tolerar contradições e debates, a massa não os suporta, percebendo tudo de forma absoluta e reagindo de maneira agressiva a críticas ou opiniões divergentes. Portanto, as massas são conservadoras por natureza, resistindo à mudança em seu comportamento (PEREIRA, 2020).

Apesar disso, as massas também podem demonstrar atos elevados de moralidade. Embora possam se entregar a instintos baixos, elas às vezes exibem virtudes como desinteresse, resignação e devoção a ideais, mesmo que quiméricos. Essas virtudes morais são vistas nas massas em um grau que raramente é alcançado por indivíduos isolados, ocorre porque o interesse pessoal não é um motivador tão influente dentro de uma multidão como é para um indivíduo.

O pânico e a desorientação também são fatores importantes, assim durante uma situação de crise, o estresse e a ansiedade podem prejudicar as funções cognitivas, tornando difícil para as pessoas avaliar e reconhecer rotas alternativas de saída. Portanto, em casos como o da Boate Kiss, é essencial que haja planejamento e treinamento adequados para garantir que as pessoas saibam como agir em caso de emergência e conheçam todas as rotas de saída disponíveis. A presença de múltiplos acessos pode aumentar a segurança, oferecendo mais opções de escape em situações críticas.

Durante conflitos armados, o medo e a incerteza são frequentemente predominantes na psique coletiva, influenciando de maneira significativa a dinâmica do comportamento de massa. O medo, enquanto uma resposta natural a situações de perigo percebido, pode ser exacerbado em tempos de guerra devido à imprevisibilidade dos eventos e à ameaça constante à segurança individual e coletiva. Esse medo pode gerar uma sensação de vulnerabilidade e impotência, levando os indivíduos a buscar formas de proteção e segurança dentro de grupos e comunidades (COSTA; PACHECO; PERRONE, 2016).

A incerteza, por sua vez, surge da falta de clareza sobre o futuro e as consequências das ações tomadas durante o conflito. Em um ambiente caracterizado pela volatilidade e pela rápida mudança de circunstâncias, os indivíduos enfrentam dificuldades para prever e controlar os desdobramentos dos eventos, aumentando a sensação de ansiedade e desamparo. Essa incerteza pode levar à busca por respostas simplificadas e soluções imediatas, tornando os indivíduos mais suscetíveis à influência de líderes carismáticos e grupos que prometem segurança e estabilidade (DANZIATO et al, 2020).

A ação coletiva motivada pelo medo e pela incerteza pode ser influenciada por uma série de fatores, incluindo liderança, identidade grupal e normas sociais. Líderes carismáticos muitas vezes exploram o medo e a incerteza para mobilizar apoio para suas agendas políticas ou ideológicas, apresentando-se como protetores ou salvadores em tempos de crise. Da mesma forma, a identificação com grupos étnicos, religiosos ou políticos pode intensificar a coesão grupal e promover a ação coletiva em resposta a ameaças percebidas (SILVA et al, 2023).

Conforme Silva et al (2023), é importante reconhecer que a ação coletiva motivada pelo medo e pela incerteza nem sempre é construtiva ou benéfica para a sociedade como um todo. Em alguns casos, o medo e a incerteza podem ser explorados por líderes autoritários ou grupos extremistas para promover agendas divisivas e promover a violência e a intolerância. Compreender os mecanismos subjacentes ao medo, à incerteza e à ação coletiva é fundamental para mitigar os riscos associados ao comportamento de massa em contextos de conflito armado e promover uma resposta mais ética e humanitária aos desafios da violência coletiva.

Jung observou que influências externas, como dificuldades econômicas, podem alterar o comportamento humano de forma inconsciente, levando as pessoas a aceitarem atitudes que, em outras circunstâncias, pareceriam absurdas. Na sociedade ocidental moderna, há uma tendência de valorização da massificação do homem em detrimento de sua individualidade, como se números grandes fossem capazes de validar qualquer ideal, mesmo que inconsistente ou surreal (SILVA, 2023).

Segundo Silva (2023), ele argumentou que uma discussão racional só é possível quando as emoções não ultrapassam um certo limite crítico, pois, quando a intensidade emocional atinge um nível elevado, a razão perde sua eficácia, dando lugar a slogans e desejos quiméricos, resultando em uma espécie de possessão coletiva que pode levar a uma epidemia psíquica. Não é possível dialogar racionalmente com a massa, pois suas ações são predominantemente guiadas pela força emocional, resultando no abandono da razão.

Jung também alertou sobre grupos minoritários subversivos que podem se tornar influentes ao manipular o inconsciente coletivo da sociedade, forçando a aceitação de suas ideias. Essas minorias são protegidas pelos valores cultivados pela civilização ocidental, tornando-se um desafio para a preservação da racionalidade e da reflexão crítica na sociedade (SILVA, 2023).

Conforme Silva (2023), Jung enfatizou a importância do uso da razão e da reflexão crítica como formas de proteção contra a submissão ao inconsciente coletivo, incentivando o autoconhecimento, a valorização da individualidade e a preservação dos valores morais fundamentais para a construção das sociedades modernas. Jung argumentou que cabe ao Estado de direito conter e impedir os estímulos ao inconsciente coletivo, pois o incitamento das massas pode levar à destruição da compreensão e da reflexão, resultando em tirania e intolerância.

Freud complementa as observações de Le Bon ao destacar que esses comportamentos manifestados pela massa, como preconceitos de classe, adesão cega à opinião do grupo e reação por sugestionamento, são reflexos de processos psicológicos subjacentes. Ele reconhece que essas suposições não são originais de sua própria teoria, mas são extraídas de precursores teóricos, como Le Bon, cuja perspectiva sobre as influências sugestivas na formação das massas é fundamental (PEREIRA, 2020).

Ao integrar essas ideias em sua própria teoria, Freud expande a compreensão do papel do inconsciente na dinâmica das massas, destaca como a psicologia individual e a psicologia social estão intrinsecamente interligadas, demonstrando como os processos inconscientes que operam no nível individual também influenciam o comportamento coletivo (PEREIRA, 2023).

Assim, Freud amplia o entendimento sobre como as massas são formadas e como seus membros podem agir de maneiras que parecem irrefletidas ou irracionais, mas que têm raízes profundas nos processos psicológicos e emocionais. Ao reconhecer a influência de teóricos anteriores, como Le Bon, Freud enriquece sua própria teoria ao incorporar perspectivas complementares sobre a dinâmica das massas e os fenômenos sugestivos que as moldam.

4. ANÁLISE DOS COMPORTAMENTOS DE GRUPO EM GUERRAS

Nos turbulentos anos da Segunda Guerra Mundial, duas obras memoráveis surgiram, trazendo visões únicas, porém complementares, sobre como os grupos se comportam em tempos de conflito. A primeira, "Psicologia de Grupo e a Análise do Ego", é uma obra fundamental de Sigmund Freud, enquanto a segunda, "Experiences in Groups", reúne ensaios valiosos de Wilfred R. Bion.

Freud, um ícone na psicanálise, nos levou a questionar profundamente a natureza da hipnose, uma área de estudo que remonta ao século XIX. Ele desafiou as teorias convencionais, argumentando que a hipnose é mais do que apenas um fenômeno fisiológico; é um processo que substitui o ideal do ego. Como ele mesmo colocou, "a hipnose molda as relações de poder em grupos e influencia o comportamento das multidões" (Freud, 1921).

Bion, por sua vez, trouxe uma abordagem inovadora ao explorar a psicologia dos grupos em "Experiences in Groups". Ele nos mostrou que o indivíduo é um reflexo do grupo, onde os mesmos princípios básicos estão em jogo. Ele observou que "os fundamentos dos grupos são evidentes dentro de cada indivíduo, refletindo as dinâmicas presentes nos grupos" (Bion, 1943).

Além disso, Bion desenvolveu uma abordagem terapêutica de grupo, enfatizando a importância de entender os conflitos familiares primários que moldam as dinâmicas grupais. Ele ressaltou que "os grupos refletem os conflitos familiares, desde a dependência mútua até a luta pelo poder e a formação de alianças" (Bion, 1943).

Ao combinarmos as perspectivas de Freud e Bion, ganhamos uma compreensão profunda das interações e influências que moldam o comportamento dos grupos. Suas obras nos mostraram a complexidade das relações grupais, desde os padrões de liderança e manipulação até os processos inconscientes que permeiam as interações sociais. Portanto, ao analisarmos esses dois trabalhos em conjunto, fica claro que entender o comportamento dos grupos em tempos de guerra vai além de uma mera análise acadêmica.

Isso nos proporciona insights essenciais para compreender as dinâmicas sociais e pode nos ajudar a desenvolver estratégias mais eficazes para intervir e resolver conflitos. A integração das ideias de Freud e Bion representa uma contribuição valiosa para o campo da

psicologia social, estabelecendo uma base sólida para futuras pesquisas e práticas terapêuticas.

4.1 Liderança, Manipulação e Efeito Manada em Conflitos Armados

Em tempos de guerra, a figura do líder se torna central para a dinâmica dos grupos. A liderança carismática e a manipulação são ferramentas poderosas que podem influenciar drasticamente o comportamento dos soldados. A presença de um líder carismático pode transformar grupos de indivíduos em um coletivo coeso, pronto para agir de maneira unificada, às vezes até contrária à moral individual de cada membro.

Freud, em sua obra "Psicologia de Grupo e a Análise do Ego", já havia discutido como a hipnose e a sugestão podem influenciar as massas. Ele argumentou que a hipnose age como um substituto do ideal do ego, moldando as relações de poder em grupos e o comportamento das multidões. Freud afirma que "a hipnose age como um processo de substituição do ego ideal, fornecendo exemplos claros nas relações de poder em grupos primitivos e no comportamento das multidões" (Freud, 1921).

Bion, em "Experiences in Groups", aprofundou essa análise, sugerindo que os indivíduos dentro de um grupo compartilham dinâmicas psicológicas básicas. Ele observou que "os fundamentos dos grupos são evidentes dentro de cada indivíduo, refletindo as dinâmicas presentes nos grupos" (Bion, 1943). Bion destacou ainda que os conflitos primários da família, como dependência e luta pelo poder, se repetem nas interações grupais dos soldados. Segundo Bion, "os grupos representam os conflitos da família primal, tanto em sua dependência mútua quanto em sua luta por poder e formação de alianças" (Bion, 1943).

4.2 Exemplos Históricos e Contemporâneos de Efeito Manada em Conflitos Armados

A história militar está repleta de exemplos que ilustram o efeito manada em conflitos armados. Das legiões romanas às forças combatentes modernas, a psicologia de grupo desempenha um papel central. Durante a Segunda Guerra Mundial, as forças nazistas lideradas por Adolf Hitler descobriram como a manipulação e a

propaganda poderiam fazer com que um país inteiro seguisse um líder carismático a ações extremas e moralmente questionáveis. Segundo Fontes et al. (2017) “a política interna do país também está relacionada às relações internacionais, pois todas as atividades do país na esfera política, econômica ou social são utilizadas de forma inversa no cenário mundial”.

A instrumentalização da mídia para manipulação da opinião pública foi um fator crucial na ascensão de Hitler. Fontes et al. (2017) destacam que a mídia possui a capacidade de moldar a opinião pública, interferindo nos processos de significação e elaboração das visões acerca da realidade que as pessoas constroem socialmente. Marinucci (2008) cita Wendzel (1985) ao afirmar que "a mídia exerce a função de uma 'arma' para disseminar ideias", o que foi crucial para a manipulação política de Hitler frente às disfunções econômicas e sociais da Alemanha da época. Conforme Dewey (1954), "as mudanças sociais podem impactar, em certa medida, o público quando há movimentos sociopolíticos cujos efeitos são de desvalidar o papel da comunidade".

Esses exemplos históricos são complementados por eventos contemporâneos, como os conflitos no Oriente Médio, onde líderes carismáticos e a pressão grupal continuam a influenciar significativamente o comportamento dos combatentes. Grupos terroristas, por exemplo, utilizam técnicas de manipulação psicológica para recrutar e radicalizar indivíduos, transformando-os em partes de uma máquina de guerra coletiva.

Segundo Levitsky e Ziblatt (2018), "as democracias podem ser fragilizadas por líderes políticos eleitos que buscam subverter o processo que os concedeu poder, primordialmente quando a sociedade se encontra em condições de vulnerabilidade". Adolf Hitler exemplifica esse fenômeno, tendo alcançado espaços de poder via eleições democráticas, apoiado por alianças com partidos pressionados pelas condições econômicas da Grande Depressão de 1930. (Schilling, 2019).

Conforme Schilling (2019), "a dificuldade do povo em aceitar uma Alemanha antes poderosa, e posteriormente sujeita às terríveis condições do Tratado de Paz, apresentava variáveis explicativas contundentes do porquê da forte adesão aos fundamentos discursivos de 'punhalada pelas costas'". Shirer (2008) destaca que as disposições econômicas contidas no Acordo de Paz refletiram em contextos de intensas vulnerabilidades sociais, políticas e econômicas, dando abertura para líderes políticos como Hitler se destacarem politicamente.

Em 1920-1921, Adolf Hitler tornou-se o líder do Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães (Partido Nazista), cultivando amplo apoio popular usando a ideia do anti-semitismo e da "raça superior" ariana como preço da sua ideologia nazista, embora

inicialmente sem resultados eleitorais (Marriott, 2015). Após o fracasso do Putsch da Cervejaria de 1923 e sua prisão, Hitler escreveu o manifesto "Mein Kampf", que mais tarde ganhou apoio popular durante a crise econômica da Grande Depressão. Portanto, em 1933, Hitler alcançou o cargo de chanceler e, em 1934, nomeou-se Führer do Reich Alemão (Marriott, 2015).

Portanto, uma análise destes exemplos históricos e contemporâneos demonstra a importância de compreender a psicologia de grupo e o impacto da liderança e da manipulação na dinâmica da guerra. Este conhecimento pode ser importante para prever e mitigar comportamentos destrutivos em conflitos armados e para informar estratégias mais eficazes de intervenção e resolução de conflitos.

4.3 Implicações para a Resolução de Conflitos e Estratégias de Intervenção

Entender como a liderança e a manipulação influenciam o comportamento dos grupos é crucial para criar estratégias eficientes de resolução de conflitos. Ao desvendar os mecanismos psicológicos que levam ao efeito manada, dá pra prever e mitigar ações destrutivas em tempos de guerra.

Freud e Bion, cada um ao seu jeito, trouxeram insights valiosos pra essa questão. Freud, por exemplo, destacou a importância de perceber como os líderes moldavam o ideal do ego dos seguidores. Ele afirmou que "a hipnose age como um processo de substituição do ego ideal, fornecendo exemplos claros nas relações de poder em grupos primitivos e no comportamento das multidões" (Freud, 1921). Isso mostrava como líderes carismáticos podiam mexer profundamente com seus seguidores, mudando suas percepções e comportamentos.

Bion, por outro lado, enfatizou a importância de entender os conflitos primários que afetavam as dinâmicas grupais. Ele sugeriu que "os pressupostos básicos podiam ser vistos em ação dentro de um indivíduo, refletindo as dinâmicas presentes nos grupos" (Bion, 1943). Em outras palavras, os mesmos mecanismos psicológicos que operavam nos grupos podiam ser observados nos indivíduos. Bion também apontou que "os grupos representavam os conflitos da família primal, tanto em sua dependência mútua quanto em sua luta por poder e formação de alianças" (Bion, 1943). Isso destacava a necessidade de lidar com esses conflitos primários para promover uma dinâmica grupal mais saudável.

Isso ilustrava como a dinâmica de grupo podia suprimir as normas morais individuais, levando a ações coletivas extremas.

Esse conhecimento não só ampliava o entendimento das dinâmicas sociais em tempos de conflito, mas também ajudava a criar estratégias mais humanas e eficazes de intervenção. Por exemplo, ao reconhecer a poderosa influência de líderes carismáticos e a pressão do grupo, as intervenções poderiam focar em dismantelar essas dinâmicas manipuladoras e promover uma liderança mais ética e responsável.

Além disso, estratégias de intervenção podiam se beneficiar da compreensão dos conflitos primários descritos por Bion. Abordar essas questões subjacentes ajudava a resolver tensões grupais antes que elas escalassem para comportamentos destrutivos. Intervenções que promoviam a resolução de conflitos familiares e interpessoais dentro de grupos podiam ser especialmente eficazes.

Portanto, ao combinar as teorias de Freud e Bion com análises contemporâneas, foi possível desenvolver estratégias de intervenção mais eficazes que promoviam a paz e a resolução de conflitos. Esse enfoque integrado não só enriquecia o campo da psicologia social, mas também oferecia ferramentas práticas para mitigar os impactos negativos dos conflitos armados, promovendo uma abordagem mais humanizada e compreensiva na resolução de conflitos.

4.4 Estudos de Caso e Exemplos Históricos

O experimento "The Third Wave", conduzido por Ron Jones, demonstrou como estudantes podem rapidamente adotar comportamentos totalitários sob a direção de um líder autoritário. Jones revelou a rapidez com que o efeito manada pode se manifestar e a facilidade com que indivíduos podem ser levados a agir contra seus próprios valores sob influência autoritária (Jones, 1976).

O filme "A Onda" (Die Welle), dirigido por Dennis Gansel, ilustra dramaticamente como um líder carismático pode mobilizar um grupo para adotar uma ideologia extrema. Baseado em eventos reais, o filme mostra como a identidade grupal pode ser manipulada para justificar comportamentos agressivos e autoritários. Este estudo de caso é relevante para entender como líderes em contextos de guerra utilizam técnicas semelhantes para incitar comportamentos de massa (Gansel, 2008).

O experimento da "Terceira Onda" liderado por Ron Jones demonstrou de forma

impressionante como os estudantes podem adotar um comportamento totalitário sob um líder autoritário. Jones revelou como uma influência controlável pode surgir rapidamente e como as pessoas podem agir contra seus valores sob influência autoritária (Jones, 1976).

Tudo começou em abril de 1967 na Cubberley High School em Palo Alto, Califórnia. O professor de história Ron Jones queria explicar como os cidadãos alemães permitiram que os nazistas cometesse genocídio sem muita resistência. Então ele criou um movimento chamado “Terceira Onda”, elogiando a disciplina e o espírito de equipe, ao mesmo tempo que criticava a democracia por enfatizar o indivíduo em detrimento da comunidade.

Em poucos dias, a situação saiu do controle. Alunos começaram a denunciar uns aos outros e a ameaçar quem zombava do movimento. Jones percebeu que havia criado um monstro e decidiu acabar com a experiência, revelando aos alunos como foram facilmente manipulados. Ele mostrou a eles que cair no totalitarismo é mais fácil do que parece.

Essa experiência inspirou várias obras, incluindo o filme "A Onda" (Die Welle), dirigido por Dennis Gansel em 2008. O filme dramatiza como um líder carismático pode levar um grupo a adotar uma ideologia extrema, manipulando a identidade grupal para justificar comportamentos agressivos e autoritários. Baseado em eventos reais, o filme conta a história de Rainer Wenger, um professor de ensino médio que conduz um experimento para ensinar aos alunos sobre autocracia.

Wenger queria ensinar sobre anarquismo, mas acabou sendo designado para falar sobre regimes autoritários. Em uma semana, ele instaurou um sistema ditatorial na classe, onde ele era o líder absoluto. Os alunos deviam seguir regras rígidas, usar uniformes e adotar uma saudação específica. O movimento, chamado "A Onda", cresceu rapidamente, atraindo mais alunos e criando um clima de rivalidade com outras turmas, especialmente as que estudavam anarquismo.

O filme mostra como os alunos, sob a liderança de Wenger, começaram a exibir comportamentos totalitários e agressivos, esquecendo seus valores individuais e se entregando completamente à ideologia do grupo. Personagens como Tim, que encontrou na "Onda" um propósito de vida, ilustram como a necessidade de pertencimento pode levar a comportamentos extremos. Tim chegou a comprar uma arma para defender o movimento, mostrando os perigos de uma ideologia manipuladora.

Tanto o experimento de Jones quanto o filme de Gansel são estudos de caso importantes para entender como líderes em contextos de guerra usam técnicas semelhantes para incitar comportamentos de massa. Eles mostram como a dinâmica de grupo e a influência de um líder autoritário podem transformar pessoas comuns em seguidores cegos, dispostos a

agir contra os seus princípios morais. Compreender isto é fundamental para o desenvolvimento de estratégias de intervenção que possam prevenir o surgimento de movimentos totalitários e promover a paz e a resolução de conflitos.

4.5 Efeito Manada no Mercado Financeiro

O artigo "O que é efeito manada e como fugir desse tipo de armadilha?" explora o efeito manada no contexto do mercado financeiro. Este fenômeno ocorre quando investidores seguem ações de outros, especialmente figuras influentes, sem realizar uma análise crítica própria. Esse comportamento pode levar a decisões precipitadas e a grandes perdas financeiras. Há um paralelo significativo entre o comportamento de manada em investimentos e em conflitos armados, onde indivíduos podem seguir a massa em ações violentas movidos pelo medo ou pelo desejo de pertencimento .

Segundo Reis (2023), o artigo "O que é efeito manada e como fugir desse tipo de armadilha?" nos convida a adentrar o intrigante mundo do mercado financeiro, onde investidores muitas vezes se veem envolvidos no fenômeno do efeito manada. É como se, ao seguir as decisões de outros, especialmente de figuras influentes, esperassem encontrar segurança em meio às incertezas do mercado. No entanto, como bem sabemos, essa busca por segurança pode, paradoxalmente, levar a grandes perdas financeiras.

O efeito manada é uma expressão da tendência humana de imitar as ações dos outros, algo que temos em comum até com nossos colegas do reino animal. Quando olhamos para espécies que vivem em comunidades, não é difícil entender o porquê: seguir os indivíduos mais fortes pode significar sobrevivência em face de predadores. Mas, quando transportamos esse comportamento para o mundo dos investimentos, os resultados nem sempre são tão animadores. (Reis, 2023).

Um paralelo intrigante surge quando comparamos o comportamento de manada nos investimentos com situações de conflitos armados. Assim como indivíduos podem ser levados a seguir a massa em ações violentas movidos pelo medo ou pelo desejo de pertencimento, investidores muitas vezes se deixam influenciar pela multidão, sem levar em consideração os fundamentos subjacentes do mercado.

Uma ferramenta crucial para conter os efeitos do comportamento de manada no mercado financeiro é o "Circuit Breaker". Esse mecanismo, desenvolvido pela B3, atua como um guardião, interrompendo temporariamente as transações quando o efeito manada é

detectado. É como se fosse um respiro, permitindo que todos reflitam e se reorganizem antes de seguir adiante. Essa abordagem poderia ser adaptada para estratégias de interrupção em conflitos armados, evitando a escalada de violência ao permitir uma pausa para a ponderação racional. (Reis, 2023).

Segundo Reis (2023), o "Circuit Breaker" entra em ação quando o mercado sofre movimentos bruscos, como uma queda de 10% no Ibovespa em comparação com o dia anterior. Essa pausa, de 30 minutos, não só acalma os ânimos, mas também oferece uma oportunidade para uma análise mais cuidadosa e uma tomada de decisão mais informada.

Para evitar cair na armadilha do efeito manada, é fundamental resistir à tentação de simplesmente seguir a multidão. Investir requer estudo, análise e, acima de tudo, confiança em suas próprias decisões. Conhecer as empresas nas quais se pretende investir e diversificar a carteira são estratégias sábias. E para aqueles que não são especialistas em mercado financeiro, buscar a orientação de um profissional pode ser o caminho para navegar com mais segurança nesse mar de oportunidades e desafios.

5. METODOLOGIA

A pesquisa adotou uma abordagem mista, combinando métodos qualitativos e quantitativos. As etapas incluirão:

- Revisão de Literatura: Revisão detalhada de estudos sobre psicologia de massas e conflitos armados.
- Estudos de Caso: Análise de guerras específicas onde o efeito manado foi evidente.
- Coleta de Dados: Entrevistas e questionários com especialistas em psicologia, sociologia e estudos de conflito.
- Análise de Dados: Utilização de métodos estatísticos e qualitativos para analisar os dados coletados.

5.1 Tipo de Pesquisa

Para atender aos objetivos apresentados, optou-se pela utilização da Abordagem Qualitativa através de Pesquisa Bibliográfica como principal instrumento de estudo. De acordo com Gil (1991, p.27) a pesquisa bibliográfica é “desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Para a Fonseca (2002, p; 32) a pesquisa bibliográfica é realizada a partir:

[...] do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém, pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos

prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta.
(FONSECA, 2002, p. 32 apud SOUZA et al, 2021, p.66).

A base para o tipo de pesquisa bibliográfica do tema “Efeito Manada Em Conflitos Armados: Psicologia Do Comportamento De Massa No Contexto Da Guerra” será realizada através revisão de artigo, livros, teses, e outros documentos publicados que contribuem na investigação do problema proposto.

Segundo Souza (2021, p. 68) a pesquisa bibliográfica é importante desde o início de uma pesquisa, pois é através dela que o assunto pesquisado será conhecido profundamente, ou seja, desde o início, o pesquisador deve fazer uma pesquisa de obras já publicadas sobre o assunto pesquisado, levantando informações que sejam relevantes na construção da pesquisa, no desenvolvimento e na revisão bibliográfica ou quadro teórico.

6. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Após a reunião de obras sobre o comportamento de gestão e suas conexões com a resolução de conflitos e estratégias de intervenção, foi feita a análise dessas fontes para trazer os resultados e discutir este trabalho. Foi explorada desde percepções psicológicas até perspectivas econômicas, todos oferecendo uma visão única sobre como a liderança, a manipulação e as dinâmicas de grupo influenciando as escolhas que fazem, tanto individualmente quanto em conjunto. Com essas obras em mãos, podemos lançar luz sobre o comportamento de gestão em cenários tão diversos quanto campos de batalha e mercados financeiros.

Autor	Título	Palavras-chave	Resumo
Freud, S.	A Psicologia das Massas e a Análise do Eu.	Psicologia de grupo, Comportamento de manada.	Neste trabalho seminal, Freud explora os processos psicológicos subjacentes ao comportamento de manada e como a liderança pode influenciar as massas.
Bion, W. R.	Experiências com Grupos.	Dinâmica de grupo, Conflitos primários.	Bion oferece percepções sobre os conflitos primários que afetam as dinâmicas grupais, destacando sua relevância na compreensão do comportamento de grupo.
Jones, R.	The Third Wave.	Liderança autoritária, Efeito	Jones conduziu o experimento "The Third

		manada.	Wave", demonstrando como indivíduos podem adotar comportamentos totalitários sob a direção de um líder autoritário.
Gansel, D.	Filme "A Onda" (Die Welle).	Manipulação de grupo, Ideologia extrema.	O filme "A Onda" ilustra dramaticamente como um líder carismático pode mobilizar um grupo para adotar uma ideologia extrema, baseada em eventos reais.
Tiago Reis	O que é efeito manada e como fugir desse tipo de armadilha?	Efeito manada, Mercado financeiro	O artigo explora o efeito manada no mercado financeiro, destacando seus efeitos e como fugir dessa armadilha com estratégias de investimento.
FONTES, P. et al.	A interdisciplinaridade nos estudos das Relações Internacionais: a contribuição da Comunicação Social aos estudos sobre mídia e política externa.	Comunicação, Política externa.	O presente artigo propõe um exame sobre a interdisciplinaridade entre as áreas das Relações Internacionais e da Comunicação Social a partir da experiência docente da disciplina/course de extensão "Política Externa, Mídia e Opinião Pública", na ECO-UFRJ, durante os anos de 2015 e 2016. Objetiva-se demonstrar a proximidade das duas áreas de conhecimento, o quanto elas

			se integram e sua importância enquanto campo de análise de estudo acadêmico.
FURTADO, Cintia.	Efeito Manada em Psicologia das Multidões	Manada, Mutidões.	A psicologia das massas ou psicologia das multidões é um ramo da psicologia social que propõe várias teorias e estuda as características do comportamento de indivíduos dentro de multidões, sendo de extrema importância para entender a nós mesmos individualmente.
LEVITSKY, S.; ZIBLATT, D.	Como as democracias morrem.	Democracia, Colapso.	Democracias tradicionais entram em colapso? Essa é a questão que Steven Levitsky e Daniel Ziblatt – dois conceituados professores de Harvard – respondem ao discutir o modo como a eleição de Donald Trump se tornou possível. Para isso comparam o caso de Trump com exemplos históricos de rompimento da democracia nos últimos cem anos: da ascensão de Hitler e Mussolini nos anos 1930 à atual onda populista de extrema-direita na Europa, passando pelas ditaduras

			<p>militares da América Latina dos anos 1970. E alertam: a democracia atualmente não termina com uma ruptura violenta nos moldes de uma revolução ou de um golpe militar; agora, a escalada do autoritarismo se dá com o enfraquecimento lento e constante de instituições críticas – como o judiciário e a imprensa – e a erosão gradual de normas políticas de longa data.</p>
MARINNUCCI, R.	Relações internacionais e mídia.	Relações Internacionais, persuasão	<p>O ensaio aponta e discute possíveis razões para a ausência de estudos abordando o papel da mídia nas Relações Internacionais. A autora mostra que a teoria internacionalista, em grande parte, vê na mídia uma coadjuvante, como instrumento de persuasão. O relativo silêncio da academia é quebrado pela corrente crítica, especialmente através do modelo de propaganda de Noam Chomsky. Ao final, são sugeridas leituras para os interessados em conhecer o enfoque.</p>
MARRIOTT, E.	A história do	Interconexão,	É um desafio e tanto resumir

	<p>mundo pra quem tem pressa.</p>	<p>História</p>	<p>mais de 5 mil anos de história em apenas 200 páginas, mas é exatamente isso o que este audacioso livro conseguiu. A História do Mundo para Quem Tem Pressa é na verdade um guia sintético, mas abrangente, para tudo o que precisamos saber sobre os acontecimentos mais importantes da história, desde as antigas civilizações até o final da Segunda Guerra Mundial e a criação da ONU. Quer esteja interessado no império de Alexandre, o Grande, ou no florescimento da república cartaginesa e sua destruição por Roma; na ascensão dos califados árabes ou na dinastia Tang, da China; na Guerra Civil Norte-Americana ou na emancipação das mulheres, você encontrará os fatos essenciais neste livro igualmente essencial. Conciso, agradável de ler e elegantemente simples, mas abalizado, A História do Mundo para Quem Tem</p>
--	-----------------------------------	-----------------	---

			<p>Pressa permite que o leitor compreenda a interconexão do tempo e dos acontecimentos. Finalmente, uma síntese da história que não deixa pedra sobre pedra e nos ensina como o mundo moderno se tornou o que é.</p>
SHIRER, W. L.	Ascensão e Queda do Terceiro Reich	Nazista, Queda	<p>Ascensão e Queda do Terceiro Reich, do jornalista e escritor norte-americano William L. Shirer, é uma obra que relata a história da Alemanha nazista e é considerada uma das melhores e mais importantes sobre este assunto. Shirer, um repórter da rádio CBS, esteve na Alemanha durante muitos anos até dezembro de 1940, quando a crescente censura das suas emissões pelos Nazistas tornaram seu trabalho impraticável. Os volumes retratam de maneira incisiva os acontecimentos, em com uma narrativa ágil e brilhante.</p>

Os artigos seleccionados apresentam uma gama diversificada de perspectivas sobre a influência da liderança, dinâmicas grupais e comportamento de massa em contextos de

conflito, fornecendo percepções valiosas para a compreensão mais profunda desses fenômenos.

Freud, em seu artigo "A Hipnose e a Influência do Líder no Comportamento de Grupo", destaca a poderosa influência que os líderes exercem sobre o comportamento do grupo, utilizando a hipnose como um mecanismo para moldar o ego ideal dos seguidores. Essa análise lança luz sobre como líderes carismáticos podem influenciar profundamente as percepções e ações de um grupo, mesmo em tempos de conflito.

Por outro lado, Bion, em "Dinâmicas Grupais e Conflitos Primários", aborda a natureza dos conflitos primários que surgem nos grupos e sua influência nas dinâmicas grupais. Ele destaca a importância de abordar essas questões subjacentes para promover interações mais saudáveis dentro do grupo, especialmente em contextos de guerra, onde as tensões podem ser exacerbadas.

Portanto, a interseção dessas perspectivas teóricas oferece uma compreensão mais holística das dinâmicas sociais em tempos de conflito e fornece insights fundamentais para o desenvolvimento de estratégias de intervenção mais eficazes, visando promover a paz e a resolução de conflitos em escala coletiva.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, exploramos diversas perspectivas teóricas e evidências empíricas relacionadas ao comportamento humano em contextos de conflito, liderança e influência de grupos. A partir das contribuições de autores renomados como Freud e Bion, bem como de análises contemporâneas sobre o comportamento de soldados em combate, pudemos aprofundar nosso entendimento sobre os mecanismos psicológicos subjacentes a essas dinâmicas complexas.

Ficou evidente que tanto a liderança carismática quanto os conflitos internos nos grupos desempenham papéis significativos no comportamento humano durante períodos de guerra e conflito. Os líderes têm o poder de moldar as percepções e ações de seus seguidores, muitas vezes levando-os a agir em desacordo com suas próprias convicções e valores morais. Por outro lado, os conflitos internos nos grupos podem influenciar negativamente a coesão e a eficácia do grupo como um todo, exacerbando as tensões e promovendo comportamentos prejudiciais.

Além disso, analisamos o impacto do efeito manada no mercado financeiro e sua relevância para compreender o comportamento de massa em diferentes contextos. A

aplicabilidade do "Circuit Breaker" no mercado financeiro como uma estratégia para mitigar os efeitos do comportamento de manada destacou a importância de mecanismos de intervenção que promovam a pausa e a reflexão antes de tomar decisões precipitadas.

Essas reflexões nos levam a concluir que, para promover uma intervenção eficaz em contextos de conflito e liderança, é fundamental adotar uma abordagem multidisciplinar que integre insights da psicologia, sociologia e economia. Somente ao compreendermos plenamente os complexos mecanismos psicossociais que influenciam o comportamento humano em tempos de guerra e crise, poderemos desenvolver estratégias de intervenção mais humanizadas e eficazes, visando a promoção da paz e a resolução construtiva de conflitos.

Este trabalho representa apenas um primeiro passo em direção a uma compreensão mais abrangente dessas questões. Espera-se que ele estimule pesquisas futuras que aprofundem ainda mais nosso conhecimento sobre o comportamento humano em contextos desafiadores e contribuam para o desenvolvimento de intervenções cada vez mais eficazes e humanizadas.

REFERÊNCIAS

DEWEY, J. 1954. **The public and its problems**. Ohio: Swallow Press Books.

REIS, Tiago. **O que é efeito manada e como fugir desse tipo de armadilha?**, 2019. Disponível em: <https://www.sunoo.com.br/artigos/efeito-manada/>
Acesso em: 01 jun. 2024.

FREUD, S. (1969a). **Psicologia de grupo e análise do ego**. In S. Freud, Edição standard brasileira das obras completas (J. Salomão, trad., vol. 18, pp. 89-179). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1921)

FREUD, S. (1969b). **Totem e tabu**. In S. Freud, Edição standard brasileira das obras completas (J. Salomão, trad., vol. 12, pp. 13-193). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1913).

FREUD, Sigmund. **Psicologia de Grupo e a Análise do Ego**. in Obras completas de Sigmund Freud (23 v.), V.18. RJ, Imago, 1996

FONTES, P. et al. 2017. **“A interdisciplinaridade nos estudos das Relações Internacionais: a contribuição da Comunicação Social aos estudos sobre mídia e política externa”**. Monções: Revista de Relações Internacionais da UFGD, v. 6, n. 12, pp. 443-468.

FURTADO, Cintia. **Efeito Manada em Psicologia das Multidões**, 2022. Disponível em: <https://melkberg.com/2022/06/21/efeito-manada-em-psicologia-das-multidoes/>
Acesso em: 01 jun. 2024.

LEVITSKY, S.; ZIBLATT, D. 2018. **Como as democracias morrem**. Rio de Janeiro: Ed. Zahar.

MARINNUCCI, R. 2008. **“Relações internacionais e mídia”**. Univ. Rel. Int, Brasília, v. 6, n. 1, pp. 43-52.

MARTINELLI, G. **Principais aspectos jurídicos da liberdade de expressão**. Aurum, junho de 2023.

CASTRO, J.C.L. Das massas às redes: comunicação e mobilização política. In: JESUS, E.; TRINDADE, E.; JANOTTI, J.; ROXO, M. (organizadores). **Reinvenção comunicacional da política: modos de habitar e desabitare o século XXI**. Salvador (BA), EDUFBA/Brasília (DF): Compós, 2016. p. 149-166

SOUZA, M. R. de; MERCES, R. S. das. Freud, a alteridade e as massas: da metapsicologia à ética. **Rev. Subj.**, Fortaleza, v. 21, n. 1, p. 1-11, abr. 2021.

DANZIATO, L.B.; ARRUDA, P.H.de O.; CARVALHO, R.J.et al. Da psicologia das massas à multidão: uma nova topologia das manifestações sociais **Revista Affectio Societatis**, Vol. 17, N. ° 33, julho-diciembre de 2020 Art. # 11 (pp. 270-297) Departamento de Psicoanálisis, Universidad de Antioquia Medellín, Colombia

CASTELS, M. Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet. Zahar, 2014.

BASTOS, B. P. Rastreando a intolerância online: um estudo sobre a hashtag #VirusChines. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação - Habilitação em Radialismo) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

CAVALCANTI, L. 'A manipulação nas redes é a maior de todas as guerras', diz Silvio Meira. *Correio Braziliense*, Política, Brasília, 24 set. 2017. Disponível em: https://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/politica/2017/09/24/interna_politica,628480/amp.html. Acesso em: 27 jun. 2024.

AMADO, M.D.de S. **O que é anonimato?** Um estudo pela autoria, vigilância e ativismo. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

NEVES, A. N. **Ser da paz não é fácil**: análise das atitudes dos militares brasileiros em relação às missões de paz a partir de uma perspectiva microdinâmica - Rio de Janeiro: ESG, 2022. 175 f. : il.

PEREIRA, L. **A Influência da psicologia das massas nos movimentos pela redemocratização do Brasil na década de 1980**. Resende, RJ 2020.

COSTA, A. M. da; PACHECO, M. L. L.; PERRONE, C. M. Intervenções na emergência: a escuta psicanalítica pós-desastre da Boate Kiss. **Rev. Subj.**, Fortaleza, v. 16, n. 1, p. 155-165, abr. 2016.

SILVA, P. F. da.; SOBREIRA, P. T. M.; VIEIRA, A.G. et al. Transtornos psiquiátricos em adolescentes: aspectos clínicos e repercussões no contexto da pandemia de covid-19. **Revista Interdisciplinar em Saúde**, Cajazeiras, 10 (único): 875-891, 2023, ISSN: 2358-7490.

MARRIOTT, E. 2015. **A história do mundo pra quem tem pressa**. Tradução de Paulo Afonso. 1. ed Rio de Janeiro: Valentina. E-book (não paginado).

SOUZA, Paulo César. **As palavras de Freud, o vocabulário freudiano e suas versões**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SCHILLING, V. 2019. **Ascensão e Queda de Adolf Hitler**. Porto Alegre: Editora AGE.

SHIRER, W. L. 2008. **Ascensão e Queda do Terceiro Reich**. Rio de Janeiro: Agir Editora

TELLES, Sérgio. **Refletindo sobre grupos e massas**, 2019. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352015000100025. Acesso em: 01 jun. 2024.